


A RECEPÇÃO DA LITERATURA DE TESTEMUNHO NO BRASIL: HISTÓRIA. MEMÓRIA E LITERATURA (1997-2000)

ÁTILA FERNANDES DOS SANTOS* 
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
GOIÂNIA - GOIÁS - BRASIL

RESUMO

Para analisarmos a historicidade dos estudos da literatura de testemunho, dividimos esse artigo em duas partes: 1) levantamos as referências ao conceito de testemunho por parte de intelectuais e estudiosos; 2) estudamos como foi organizada uma esfera de leitura a partir da noção do conceito de “literatura de testemunho”, no Brasil. Esse segundo movimento é realizado considerando que nos jornais e nas revistas de cultura nos últimos anos da década de 1990 pode ser identificado um grupo de críticos especializados que começou a se ocupar da literatura de Primo Levi e de outras testemunhas dos campos de concentração. Nosso objetivo é refletir sobre a formação dos estudos da Literatura de Testemunho e os dilemas enfrentados pelos intelectuais, como o limite da narrativa diante da experiência traumática.

Palavras-chave: Literatura de Testemunho; Trauma; Recepção; História; Memória.

ABSTRACT

To analyze the historicity of literature studies of testimony, we divided this article into two parts: 1) we raised references to the concept of testimony by intellectuals and scholars; 2) we studied how a reading sphere was organized from the notion of the concept of “witness literature” in Brazil. This second movement is carried out considering that in newspapers and cultural magazines in the last years of the 1990s, a group of specialized critics can be identified that began to deal with the literature of Primo Levi and other witnesses from the concentration camps. Our objective is to reflect on the formation of Testimony Literature studies and the dilemmas faced by intellectuals, such as the narrative limit in the face of traumatic experience.

Keywords: Testimony Literature; Trauma; Reception; History; Memory.

* Mestre em História (UFG). Doutorando do curso do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Goiás, com bolsa CAPES. E-mail: atilasantos@discente.ufg.br.

INTRODUÇÃO

Se nos perguntamos a respeito da leitura brasileira das obras de testemunhos, logo podemos recordar de Primo Levi, um dos principais autores traduzidos no Brasil.¹ Porém, poderíamos nos limitar ao marco da publicação de *É isto um homem?*, de 1988? Não. Antes da tradução, o livro de Levi já havia sido descoberto por críticos brasileiros. As interações com o texto foram feitas a partir da obra em italiano ou em outras traduções, como a norte-americana e britânica, publicadas primeiramente em 1959, ou a francesa ou alemã, a partir de 1961.² No entanto, foi somente no final da década de 1990 que a crítica acadêmica se deu conta das possibilidades de análise e de estudo das memórias dos sobreviventes dos campos de concentração. Essa pesquisa se concentra nesse segundo movimento, ou seja, quando os pesquisadores se dedicaram a estudar os livros de autores como Primo Levi, Robert Antelme, Elie Wiesel e outros.

Este artigo tem um caráter preliminar, cujo objetivo é estabelecer a historicidade das leituras das obras que foram conhecidas como “literatura de testemunho” a partir do cenário brasileiro. Desse modo, cabe indagar em que momento surgiu o termo “literatura de testemunho”? Como esse termo foi atrelado, relacionado, lido e interpretado a partir das obras dos sobreviventes do *Holocaust* (termo inglês) ou *Shoah* (termo francês)? Dividindo este trabalho em duas partes, 1) pretendemos levantar os textos considerados relevantes sobre o termo “testemunho”; 2) entendendo possíveis deslocamentos até a construção do termo “literatura de testemunho”, iremos identificar, contextualizar e refletir sobre a recepção acadêmica brasileira.

¹ LEVI, Primo. *A assimetria e a vida: artigos e ensaios 1955-1987*. (Org.) Marco Belpoliti; tradução Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2016. / LEVI, Primo. *Assim foi Auschwitz: testemunhos de 1945-1986*. Primo Levi com Leonardo De Benedetti; organização Fabio Levi e Domenico Scarpa; tradução Frederico Carotti, Ed.1, São Paulo: Companhia de Letras, 2015. / LEVI, Primo. *A tréguia*. Tradução de Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. / LEVI, Primo. *É isto um homem?*. tradução Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. / LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3º ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. / LEVI, Primo. *O último Natal de guerra*. Tradução de Maria do Rosário da Costa Aguiar Toschi. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2002. / LEVI, Primo. *Se não agora, quando?* Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. / LEVI, Primo. Mil sóis, poemas escolhidos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2019. / LEVI, Primo. 71 contos de Primo Levi. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 523p. / LEVI, Primo. A Tabela Periódica. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. / LEVI, Primo. A chave estrela. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

² Para saber mais consultar: CAPRARA, Loredana. Os rumos da literatura italiana. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01 de Julho, 1979. Suplemento Literário. p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 19 fev. 2020. MACSHANE, Frank. A nova literatura da Itália. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, dia 15, de junho, 1980, p.14. Suplemento Literário. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 27 dez. 2019. MENGOZZI, Frederico. Literatura italiana, um universo para se descobrir. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, dia 29, de janeiro de 1984, p.34. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

ESTUDANDO O CONCEITO DE TESTEMUNHO

Ao considerarmos sistematicamente o significado de testemunho, podemos nos reportar à trajetória clássica, para compreender algumas diferenças na construção conceitual do termo. Em *A testemunha e o historiador*, o historiador François Hartog discute o problema da história do conceito de testemunha e suas relações com a História. Seu ponto de partida é a Grécia Antiga, narrada por Heródoto através do herói Ulisses, que presencia oniscientemente os acontecimentos para fazer com que permanecessem vivos os feitos dos heróis. Na Grécia Antiga, existiu um vínculo entre saber e ver, na epopeia de Homero o personagem designado como *histor* se encontra na raiz dessa relação, que denominou aquele que testemunha pelo fato de saber e pelo fato de ter visto.³ Entretanto, segundo Hartog, o *histor* é um fiador que arbitra entre duas partes conflitantes. Assim, permanece a pergunta sobre a função da testemunha, Hartog observou na etimologia da palavra *martus* o significado de lembrar-se, em sânscrito, *smarati*; em grego, *merimna*; e, em latim, *memor(ia)*.⁴

Na epopeia grega, o momento de prestar juramento aos termos do pacto são selados pela convocação dos deuses como testemunhas (*martus*), não para ver, mas para ouvir e guardar na memória. E desse *martus*, Heródoto passou facilmente para a testemunha como autoridade, o testemunho (*martus*) vem comprovar uma narrativa do passado, que não se viu e não se pôde ver.⁵ E depois, diferente de Heródoto, Tucídides com a ferramenta da *autópsia* impôs a crítica aos testemunhos.⁶

Tendo suas relações alteradas, com o impacto dos Evangelhos, os cristãos tomaram a testemunha como fiadora da história, de modo que, na Idade Média, o testemunho se tornou um argumento de autoridade.⁷ Para São Beda, a história deveria ser feita a partir de três fontes: os documentos antigos, a recorrência à tradição dos “grandes” e o próprio conhecimento, resultando em uma mistura entre aquilo que é visto, conhecido e testemunhado.⁸

³ HARTOG, 2013, p. 212.

⁴ HARTOG, 2013, p. 213.

⁵ HARTOG, 2013, p. 214.

⁶ HARTOG, 2013, p. 216.

⁷ HARTOG, 2013, p. 217.

⁸ FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 28, n° 47, jan/jun, 2012, p. 45.

Essa relação foi transformada na modernidade. O historiador se ocupou a pôr os olhos nos arquivos, nos fatos, nos documentos, de forma não crítica, como um copista, compilando e reunindo no seu texto obras de outros autores.⁹ Foi no século XIX que a testemunha apareceu como objeto da história, sendo caracterizada como um relator ingênuo que não sabe o que vê e não entende os mistérios invisíveis da estrutura, das formas e do movimento da sociedade, que somente o historiador poderia decifrar. Ranke, já um octogenário, se opôs à história do presente, renunciando a abordar as questões políticas dos acontecimentos de sua época. Para Ranke, o historiador somente alcançaria a objetividade quando se apartasse da torrente dos acontecimentos recentes. O historiador deveria praticar um certo afastamento temporal para se abstrair do presente e se adequar a uma perspectiva mais geral e confiável sobre a história. Rejeitando o subjetivismo e procurando uma pretensa neutralidade, Fustel de Coulanges afirmou que nosso olhar sob o presente é tendencioso devido os interesses pessoais, preconceitos e paixões.¹⁰ No século XX, nos anos 1970, os historiadores, como P. Thompson, começaram a se interessar pelas vozes do passado e a história oral. Hartog ressalta a condescendência dos historiadores diante das testemunhas: “a testemunha voltou a surgir como voz, a história profissional estende-lhe de bom grado seus microfones, com a condição de poder inscrevê-la em seus registros como ‘fonte’”.¹¹

Hartog constatou o mal-estar desses historiadores, as memórias dessas testemunhas ocupavam os espaços de autoridade e escapavam de seu crivo analítico sendo julgada frequentemente como uma “história verdadeira”. No meio desse embate, Hartog destacou que Claude Lanzmann fez uma crítica solitária nesse conflito, ao procurar reabilitar o testemunho oral dos sobreviventes. O historiador considerou ainda a contribuição de Ricoeur para esse debate, para o filósofo o testemunho seria uma “estrutura de transição” entre a história e a memória, alterando o enigma da relação de semelhança pela operação fiduciária.¹²

Hartog nos permite colocar em um plano a história e o testemunho, relacionar suas contaminações, seus problemas e desafios, os questionamentos sobre a verdade e a autoridade. E a partir de Hartog podemos abordar outros intelectuais que se dedicaram ao tema do

⁹ HARTOG, 2013, p. 222.

¹⁰ FICO, 2012, p. 45-46.

¹¹ HARTOG, 2013, p. 225.

¹² HARTOG, 2013, p. 226.-227.

testemunho. Não podemos esquecer de como Émile Benveniste ampliou esse debate ao analisar os detalhes dos termos *superstes* e *terstis*:

Verificamos a diferença entre *superstes* e *terstis*. Etimologicamente, *testis* é aquele que assiste como um “terceiro” (*terstis*) a um caso em que dois personagens estão envolvidos; e essa concepção remonta ao período indo-europeu comum. Um texto sânscrito enuncia: “todas as vezes em que duas pessoas estão presentes, Mitra está lá como terceira pessoa”; assim o deus Mitra é, por natureza, a “testemunha”. Mas *superstes* descreve a “testemunha” seja como aquele “que subsiste além de”, testemunha ao mesmo tempo *sobrevivente*, seja como “aquele que se mantém no fato”, que está aí presente.¹³

Esse estudo etimológico e sua reflexão não foram esquecidos, mas ampliados em suas aproximações e contaminações entre os termos *terstis* e *superstes*, por Giorgio Agamben, ao relacioná-los com as narrativas sobre os campos de concentração. Em *O que resta de Auschwitz*, de 1998, Agamben estabeleceu pontos de elucidação sobre o testemunho ao comentar *A trégua*, de Primo Levi. Ele sustentou que na narrativa de Levi existe uma tentativa de captar a palavra secreta do filho de Auschwitz, o bebê Hurbinek, que dizia “*mass-klo*”. A testemunha escreve sobre o não testemunhado, a lacuna, as palavras indecifráveis de Hurbinek, aquele que não conseguiu expressar a experiência arrasadora dos Campos. Para o autor, o que resta de Auschwitz é a interrogação sobre aquilo que não foi testemunhado dentro da narrativa dos testemunhos, aqui, por excelência, a testemunha foi Primo Levi.¹⁴

Entre *terstis* e *superstes*, Agamben testou a testemunha através de um caminho ambíguo, por não ter atingido o “fundo” dos campos de concentração e por não ter visto as câmaras de gás. Ou seja, por não ter tido a experiência de morrer e poder contar, mesmo assim, enunciou no lugar dos mortos, porém, esse sobrevivente não se configura como um terceiro. O

¹³ BENEVISTE, Émile (1995) Apud SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho Revista Tempo e Argumento, vol. 2, núm. 1, jan/jun, Universidade do Estado de Santa Catarina Florianópolis, Brasil, 2010, p. 4

¹⁴ AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 47.

sobrevivente é aquele que viveu uma angústia excessiva e destruidora nos campos e viveu para contar.

Ainda em 1998, a historiadora Annette Wieviorka, em *L'Ère du témoin*, de 1998, analisou o que chamou de “a era do testemunho”. Devemos considerar que, com esse título, a autora não quis dizer que, naquele momento, o gênero de testemunho tivesse se consagrado como prática dominante na literatura, mas que a produção dessas obras marcadas por depoimentos do “Holocausto” ou de massacres recentes, como na Bósnia, Ruanda, Kosovo, eram bases para a investigação da narrativa histórica. Wieviorka problematizou a relação entre história e testemunho ao considerar o modo como historiadores se confrontaram com essas fontes. Ao inserir nesse cenário a historiadora Naomi Seidman, classificando *La nuit*, de Elie Wiesel, como mentiroso, pela forma da composição do relato, Wieviorka observou que a historiadora se esqueceu de pensar a produção em seus critérios de autobiografia e, sobretudo, como linguagem literária e contextualizada no momento de produção.¹⁵

Paul Ricoeur debruçou-se sobre o caráter da testemunha em primeira pessoa do singular, destrinchando a relação tridimensional entre testemunha que narra/fala e aquele que ouve, sendo que o testemunhado só é concretizado com a credibilidade dada à testemunha devido à aceitação do ouvinte a respeito do narrativizado por aquele que experienciou o “Eu estava lá” e o evento dialógico do “acreditem em mim” e o contexto da crítica pública (“Se não acreditam em mim, perguntem a outra pessoa”). A experiência perturbadora dos campos de concentração e do extermínio em massa colocou o testemunho em crise, ao afetar a relação de transmissibilidade entre a experiência extrema e o caminho da recepção do seu ouvinte comum, afetando a possibilidade de legibilidade.¹⁶

Dominick LaCapra, assim como Ricoeur, ofereceu soluções semelhantes, embora de um ponto de vista diferente. Em Ricoeur o testemunho e a experiência limite colocaram desafios a respeito das formas da representação historiográfica. Desenvolvendo essa ideia, LaCapra estabelece a memória traumática como uma “memória primária”, que tem entre suas características, os lapsos e a fragmentação. Em um segundo momento, apresentando

¹⁵ WIEVIORKA, Annette. *Era of the Testimony*. Tradução Jared Star. Ithaca/NY: Cornell University Press. 2006, p.44-45.

¹⁶ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas/São Paulo: Editora Unicamp, 2007. p. 174, 186-187.

prioritariamente na figura do historiador uma reelaboração, ao ser analisada, refletida e articulada criticamente preenchendo os lapsos reprimidos. De forma análoga, Ricoeur confessou que o testemunho deve ser apropriado e expurgado da estranheza do horror perturbador. Ao lembrar de Levi e a complexidade da teia cinzenta, LaCapra reconheceu a existência de relações limítrofes que se misturam entre vítima-carrasco-seguidor, argumentando que o historiador deve ter essa sensibilidade para negociar no tecido fragmentado da memória primária a recondução de um caminho para uma narrativa crítica documentada e analítica que oriente uma memória secundária.¹⁷ Pois, se por um lado essa confusão poderia cristalizar uma idealização da vítima como herói ou sacralizá-la, de outro poderia levar a relativismos ou simplificações entre as vítimas e os agressores.

Beatriz Sarlo, em 2008, escreveu sobre o problema da história, memória e testemunho, sustentando que a crise da modernidade rompeu os laços de autoridade do passado sobre o presente e a transmissão da experiência se tornou incomensurável na contemporaneidade. Sarlo estabeleceu uma crítica e uma separação entre o testemunho e a história, diferenciando o conhecimento histórico e científico dos documentos testemunhais.¹⁸ Ao tomar o testemunho a partir de perspectiva da teoria benjaminiana, a autora considerou que no mundo moderno, após a Primeira Guerra Mundial, ocorreu uma depressão da experiência e das narrativas compartilhadas e a fragmentação das relações anestésicas promoveu o mutismo dos sujeitos diante tempestade da modernidade e do desafio da incomensurabilidade do presente.¹⁹

Sarlo classificou o testemunho como incompleto e insuficiente, não somente pela dificuldade de expressar em palavras o trauma que fragmentou essa memória ou mesmo de ser um objeto suspeito para a atribuição dos usos historiográficos, mas pela total quebra da possibilidade da transmissão dessa experiência. O testemunho também não abarcaria o essencial, isto é, a experiência das câmaras de gás, a própria testemunha da morte. Sobre Levi, Sarlo identificou que seu relato é uma ficção autobiográfica, romanceada, sentimental, fraca e parca de argumentos sobre o assunto dos campos de concentração. Mesmo que possamos considerar hiperbólicas algumas das afirmações da autora, sua preocupação era desvencilhar do

¹⁷ LACAPRA, Dominick. *Historia y memoria despues de Auschwitz*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 34-36, 56.

¹⁸ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFGM, 2007, p. 29-30.

¹⁹SARLO, 2007, p. 9-22.

testemunho o *status* de verdade fatural ingenuamente empregado. Seu texto citou apenas o livro *É isto um homem?*, demonstrando que sua preocupação verdadeira não era uma análise da obra da “testemunha”, mas um recurso argumentativo que fortalecia sua tese da guinada subjetiva e do problema da autoridade.²⁰

Não temos intenção de destrinchar cada argumento dos especialistas arrolados, mas compreender que a crítica acadêmica não é linear e homogênea, nesse sentido, procuramos perceber como a testemunha e a obra testemunhal foi compreendida. A era do testemunho, denominada por Wieviorka, que se estabeleceu como fenômeno a partir do Julgamento de Eichmann, descreve como a testemunha começou a ser ouvida e também estereotipada pela mídia. No entanto, somente teve seus principais teóricos, tardiamente, a partir da década de 1990. Embora o notável linguista Émile Benveniste tenha se dedicado a escrever sobre o conceito de testemunho na década de 1960, é através da leitura de Agamben que compreendemos a inscrição das reflexões do autor no debate sobre a testemunha dos Campos de Concentração.²¹

Nosso interesse não é compreender como aconteceu a mudança de status do objeto testemunhal em relação à ciência historiadora, porém identificamos esse problema para futuras reflexões. Nesse momento, o que nos toca é como a escrita dessa historiografia estabeleceu elementos que compartilham e se identificam com a formação dos estudos da literatura de testemunho no cenário brasileiro.

CATÁSTROFE E REPRESENTAÇÃO: A FORMAÇÃO DO TERMO “LITERATURA DE TESTEMUNHO”

No Brasil, o primeiro texto em que encontramos a menção ao conceito de literatura de testemunho foi publicado na revista *Cult*, número 11, de 1997. A *Cult* foi fundada por meio de uma colaboração entre o jornalista Manuel Costa Pinto e Paulo Lemos, editor e proprietário da Editora Lemos. O nome *Cult* remete, segundo os fundadores, a uma revista de literatura que traz um retrato multifacetado, fragmentado, frenético e pluralista da sociedade brasileira. O

²⁰ SARLO, 2007, p. 31-36.

²¹ AGAMBEN, 2008.

nome *Cult* é uma abreviação, um fragmento, que objetiva conectar pessoas, como nos *chats* da internet, para discutir literatura. Essa expressão não é novidade. Ela vem do século XVII, do inglês *culte*, que era usado para atribuir uma devoção, um culto a um objeto, pessoa, ideia ou movimento. Contemporaneamente, é usada em português para indicar algo que é cultuado no meio intelectual e artístico. Ou mesmo a expressão *cult movies* que pode ser atribuída para filmes que são “clássicos” cultuados por uma dupla inserção em um espaço ambíguo entre a massiva recepção popular e o cenário de um ambiente restrito e alternativo.²²

O projeto editorial da revista, desde seu lançamento, pretendia, de acordo com Manuel Pinto, atingir um equilíbrio entre a publicação e seus leitores. O editor afirmava que, ao procurar um colaborador para escrever um texto, era imprescindível que envolvesse uma atualidade informativa, jornalística, e uma profundidade ensaística. Nas palavras do editor: “Ou seja, uma revista literária tem de suprir uma dupla carência: a falta de publicações na área de literatura e, num âmbito muito maior, as lacunas da formação educacional brasileira.”²³ Desse modo, a revista procurava ampliar e aprimorar o leque de leituras de seus assinantes como também inserir pedagogicamente os leitores ainda não familiarizados. O que possibilitava à revista atingir públicos distintos, aumentando seu campo de atuação para um público leigo menos letrado, além de cobrir o campo de uma minoria especializada e universitária.²⁴

Em 1997, na *Cult*, o professor e crítico literário Márcio Seligmann-Silva escreveu uma crítica ao lançamento da obra *Fragmentos, Memórias de uma infância (1939-1948)* de Binjamin Wilkomirski. Não conseguimos encontrar a revista, contudo, felizmente, Seligmann-Silva fez uma reedição do texto que pode ser lido em uma publicação digital. O professor inicia sua abordagem ressaltando os méritos editoriais da obra, que já tinha sido traduzida para doze línguas e era sucesso de crítica e de vendas. Para ele, a narração de Wilkomirski percorre as raízes fraturadas da história de sua infância nos campos de Majdanek e Auschwitz. Seligmann-Silva critica a tradução do título, pois o termo “memórias”, segundo ele, passava longe de ser aquilo que o livro continha com a expressão “fragmentos” refletindo os excessos de realidade

²² SILVA Fabiola, Alves. *Revista Cult – Leituras Do Presente (1997 -2002)*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006, p. 10-12.

²³ Manuel Pinto, 1998 *Apud* SILVA, 2006, p. 14.

²⁴ SILVA, 2006, p. 13-15.

A pesquisadora Silva identificou que a revista oferecia ao seu consumidor uma esfera sensorial de exclusividade com o selo *cult*, porém, não podemos deixar de perceber, que ao mesmo tempo que atingia disseminação nos centros universitários ganhando notoriedade e prestígio, alcançando certa autoridade, a revista teve grande circulação alcançando a média de 25.000 exemplares, entre 1997-2002.

que arruinaram o tecido mnemônico de Wilkomirski. Ele enxergou em *Fragments* um exemplo de excelência testemunhal:

Na literatura de testemunho de um modo geral, como se lê em autores como Primo Levi, Ida Fink, Robert Antelme ou Charlotte Delbo, é frequente essa concepção do Campo como constituindo “a única realidade” e a afirmação da impossibilidade de saída dele, da impossibilidade de libertação dele: “não existe mais mundo do lado de fora da cerca”. Na obra de Wilkomirski essa concepção aparece de modo potencializado uma vez que ele expõe os seus “fragmentos” do ponto de vista de uma criança. A imaginação e a linguagem são assim ainda mais embotadas. As suas defesas e simbolização têm um funcionamento diverso do que num adulto. Nesse sentido essa obra é exemplar. As imagens das cenas que Binjamin Wilkomirski presenciou impregnaram-se de tal modo na sua mente que como que arruinaram a sua cartografia mnemônica. Diante dessas imagens tudo o mais empalidece. Trata-se de imagens da extrema violência escritas a ácido na tela da sua memória.²⁵

O pesquisador apresenta o conceito de testemunho relacionado a formação de um conjunto de obras e de autores, sobreviventes de tragédias similares, organizados por meio de regras de escritas semelhantes, que, segundo o modelo “Wilkomirski”, não se estrutura como uma memória, mas como fragmento. Para Seligmann, o pacto autobiográfico aparece estraçalhado, considerando os aspectos salientados pelo crítico, a inexorabilidade, os abismos entre a imaginação, o real, o irreal, a linguagem permeia as narrativas dessa literatura de testemunho, que em Wilkomirski são ampliadas:

Há espaço apenas para as acima referidas imagens secas, para os hieróglifos da memória fragmentada, para a literalidade da escrita: para uma nova relação com a esfera da morte e com o campo dos signos subordinado a essa esfera. [...] Essa ética e estética da literatura de testemunho possui o corpo – a dor – como um dos

²⁵ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. *Letras* – Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS). Jan/Jun. 1998, p. 19.

seus alicerces. Benjamin Wilkomirsk destaca sucessivas vezes o sentimento de asco e nojo que lhe tomava sentimento de ultrapassamento, de extravasamento que, de algum modo, reafirma os limites do ser humano. Os seus limites físicos tornam-se a garantia de uma nova moral. É o corpo também que serve de suporte para a nova cartografia mnemônica.²⁶

Seligmann-Silva é um estudioso do romantismo alemão, era pesquisador e tradutor de filósofos como Walter Benjamin e Gotthold Ephraim Lessing. Em sua análise, não podemos ignorar essas influências. Em seu texto percebemos os diálogos com esses filósofos. Com Benjamin, os fragmentos da memória surgem de uma análise que faz referências aos textos sobre o estilhaçamento da narrativa na modernidade que entrava em depressão e encontrava desafios na transmissão e no compartilhamento da experiência.²⁷ A partir de Lessing, o problema da oposição entre o belo e o feio se ampara no conceito de sublime, alcançando assim as variações de sensações que a arte pode propor para além da pureza agradável, aquela dos sentimentos mistos e confusos.²⁸

Na concepção crítica da história e na dimensão poética, aquilo que é chamado de literatura de testemunho alcançou sua excelência em Wilkomirsk. A narrativa testemunhal permeada de “hieróglifos” misteriosos, desdobra imagens dialéticas que em instantes podem apresentar, por um lado, o sofrimento e, por outro lado, permitem de maneira radical reconhecer uma estética e uma topografia dos lugares que perpetraram as violências sobre aqueles que sobreviveram e os que não puderam contar.

Nesse sentido, Seligmann-Silva defendeu uma inovação nos gêneros literários, por perceber na literatura de testemunho uma contribuição original para a história da literatura que a diferencia dos gêneros consagrados:

²⁶ SELIGMANN-SILVA, 1998, p. 22.

²⁷ BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza*. In: *O anjo da história*. Trad. De João Barrento – 2. Ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2016. p. 83-90. BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Obras escolhidas I*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 97-221.

²⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Sobre a beleza do feio e a sublimidade do mal. *Revista eletrônica de jornalismo científico*. Jul. 2006.

Na medida em que refletimos sobre essa obra, fica claro que a literatura do testemunho, da qual esse livro é um dos exemplos máximos, talvez seja uma das maiores contribuições que o século XX deixará para a rica história dos gêneros literários. Nesse sentido, ela é uma filha da própria história: pois nunca houve um século com tantos morticínios de populações inteiras como esse.²⁹

O autor mais que propor uma leitura da obra de Wilkomirski, ele a ressignificou como uma pedra fundamental em um empreendimento literário com usos, regras e contextos específicos, ou seja, um gênero envolvendo autores com trajetórias distintas, como: Robert Antelme, Primo Levi, Charlotte Delbò e outros.

Em 1998, Arthur Nestrovski, professor de literatura da PUC de São Paulo, escreveu na *Folha de São Paulo* uma matéria uma página inteira, intitulada “As memórias do horror”. Nela, ele desenvolveu uma análise crítica da obra de Binjamin Wilkomirski, *Fragmentos*. A sua interpretação tem relevância para nosso estudo pela forma que organiza seus argumentos para refletir a respeito da obra. O autor apresenta semelhanças com o modelo de ler e de se fazer uma crítica de Seligmann-Silva. Os expoentes dessa discursividade se revelaram em sua trama:

O irrepresentável existe, como escreveu Lyotard (*La Condition Postmoderne*, Paris, Minuit, 1979); e a arte oblíqua de escritores como Primo Levi e Paul Celan ou de cineastas como Lanzmann e Resnais já nos ensinou a ler, em seus próprios termos, os retratos de ocorrências que não se deixam pacificar pelo conhecimento. Mas o que dizer da experiência reportada agora, em primeira pessoa, de uma criança jogada num campo de concentração? Uma criança que “que não sente nada”, para ser capaz de sobreviver em meio à sujeira, à fome e à sede, à ausência quase total de afeto, às pilhas de mortos ao seu redor e à rotineira execução, por esporte, de outras crianças? “Não tenho mais nenhum sentimento”, escreve ela, no presente da narrativa, “sou só um olho, se apropriando de tudo o que vê e não dando nada em troca”. [...]

Aponta, ainda, para a paradoxal anestesia que caracteriza as vítimas de atrocidades, grandes demais para serem registradas pela consciência. O trauma,

²⁹ SELIGMANN-SILVA, 1998, p. 20.

na verdade, só aparece depois, na lembrança obsessiva de imagens, “só imagens, quase nenhum pensamento”. Dissociado de si, o menino se escuta, às vezes falando como se fosse outra pessoa. Inacessíveis à interpretação, as narrativas são também testemunho de um significado que perpetuamente lhes foge. Todo o esforço do livro talvez não seja outro senão conquistar um registro em que esse testemunho possa se dar, e no qual o autor encontre palavras para ser testemunha de si. [...] O Wilkomirski adulto refere-se à vergonha que sente por essas lembranças, assim como à culpa comuns a tantos sobreviventes. Já para o interprete, o problema maior não é a incapacidade intelectual de explicar o que acontece em Majdanek e que faz, por exemplo, com que um alemão adulto, aparentemente sem ter perdido o juízo, possa, de um instante para outro, passar da brincadeira de roda ao assassinato de crianças com os próprios punhos. Mas sim um limite de empatia humana, incapaz de transpor a barreira dos campos. “Visto de dentro, o Shoah é ininteligível, não está presente a si mesmo. Visto de fora, esse interior está inteiramente fora do alcance”, escreve Shoshana Felman, num ensaio importante sobre o filme de Claude Lanzmann [...].³⁰

Sob o olhar da figura do testemunho, Nestrovski reordenou autores a partir do interesse de lidar com a experiência do trauma. Antes de ampliar os debates sobre os significados da experiência traumática, devemos analisar a organização de temas e referências do autor. Primeiro as imagens: Alain Resnais, em *Noite e Neblina*, filmou uma cena icônica com um *travelling da câmera*, de um prisioneiro já sem vida ainda agarrado à cerca do campo de concentração, com o corpo do ator estirado em uma posição poética e dramática, simbolizando a dor e o sofrimento no genocídio judeu. E, pelo lado oposto, Claude Lanzmann, que não procurou soluções dramáticas para recriar os campos, tendo preferido a narração dos testemunhos.

Lanzmann foi um crítico da ficcionalização da imagem do extermínio. Em uma entrevista ao *Le monde*, intitulada “*Holocauste, la représentation impossible*”, falou do filme de Spielberg, *A Lista de Schindler*, de 1993, afirmando: “[...] É exatamente o oposto de Spielberg, para quem o extermínio é um pano de fundo: o sol negro ofuscante do Holocausto

³⁰ NESTROVISK, Arthur. Memórias do Horror. Folha de São Paulo. Mar. 22 de 1998. p. 11.

não é confrontado [...]”. Lanzmann contrapõe sua visão sobre a catástrofe à dramatização de Spielberg, o “sol negro”, uma iluminação negativa que não traz clareza, para ele a imagem mais pertinente é outra: “A última imagem de *Shoah*, não é isso. É um trem que funciona sem parar. Dizer que o Holocausto não tem fim.”.³¹ Assim, o que o diretor de *Shoah* chamou de final feliz, com a homenagem ao herói alemão, salvador de judeus, seriam escolhas que banalizavam o acontecimento.

Essa ideia é reforçada por Gérard Wajcman, escritor e psicanalista que se apoiou na visão de Lanzmann para defender um limite da representação gráfica e narrativa de Auschwitz. Wajcman critica os cineastas que procuram uma suposta liberdade para filmar o que quiserem. Para ele, essas obras não dariam conta da exorbitante natureza catastrófica. Subtraindo a imagem, o crítico busca compreensão pela narrativa dos sobreviventes:

As câmaras de gás existiam. Eu sei. Ainda assim, nunca os vi. Não os vi trabalhar. Vi os trilhos, vi lugares, vi imagens dos crematórios abertas, vi reconstruções das câmaras de gás, mas os homens, as crianças, as mulheres correndo nuas nos corredores, empurradas nos chuveiros, morrendo asfixiadas enquanto subiam umas nas outras, eu nunca as vi. No entanto, eu sei que aconteceu. Eu sei disso como todos sabem- excluindo aqueles que não querem saber, como sabemos que há bilhões de galáxias em um universo infinito sem nunca tê-las visto. Eu sei que as câmaras de gás ocorreram porque há testemunhas, evidências também. Sem imagens, mas uma infinidade de palavras acumuladas, privadas ou públicas, das vítimas ou carrascos.³²

Wajcman recusa as possíveis fotografias que existem dos campos e critica o diretor Jean-Luc Godard por sua defesa da necessidade de existirem registros visuais, pois, para o psicanalista, os campos aconteceram e as testemunhas são os narradores desse fato sem imagens.

³¹ LANZMANN, Claude. Une représentation impossible?. *Le monde*. Entrevistador: Aurélie Ledoux. Mar. 03. 1993.

³² WAJCMAN, Gérard. *Le Monde*, 3 décembre 1998, par Gérard Wajcman. *Le monde*. Disponível em: <https://editions-verdier.fr/2014/03/06/le-monde-jeudi-3-decembre-1998-par-gerard-wajcman/>. Acesso em: 18 set. 2019.

Nestrovski não citou *A Lista de Schindler*, mas Lanzmann. Para o professor, as imagens obsessivas são “grandes” demais para serem registradas pela consciência, fugindo à interpretação; são “inacessíveis”, incapazes de serem transpostas. O autor encontra no testemunho de Wilkomirski um fragmento da memória, imagens vazias de pensamentos que ultrapassam os limites do conhecer. Assim, Nestrovski cita outras referências, como a pesquisadora Shoshana Felman, que, em um momento, analisou o filme de Lanzmann, escrevendo: “Visto de dentro, a Shoah é ininteligível”. O crítico consegue alinhar suas referências diante do conceito de trauma, formulando uma figura fragmentária dos Campos a partir de Wilkomirski. Sob a condição contemporânea e os desafios da linguagem, cita François Lyotard, em *A Condição pós-moderna*, em que a metalinguagem aparece como forma de apreensão do mundo que se esfacelou, começou a se desintegrar e se dividir. As ruínas da comunicação são expostas diante, não somente, do conhecimento científico que entrou em crise em suas bases objetivas e universalistas, mas das formas de transmissão e da comunicação que se viram abaladas perante o acontecimento traumático. Esse evento, como uma fratura, gerou críticas aos limites do saber e permitiu novos debates, como a irrepresentatividade do regime concentracionário:

Um livro como este, em que realismo e memória se cruzam nos labirintos da autobiografia - não só memórias, mas memórias de memórias -, levanta, mais uma vez, a questão sobre os limites da representação. Casos extremos, afinal, talvez necessitem de meios extremos, cada vez mais num mundo onde a violência cruenta é servida a todos em doses diárias, via satélite, e onde o nível de dessensibilização parece infinitamente elástico. O efeito contraditório de irrealidade numa narrativa tão direta tem, então, um papel de vencer resistências e forçar o reconhecimento do passado. E a memória, para o autor como para cada leitor, é precisamente o instrumento que abre as portas da experiência, permitindo que o “real” chegue até que a consciência se torne, como queria Wordsworth, “livre de toda injúria interna”.³³

³³ NESTROVSKI, 1998, p. 11.

Em um jornal de grande circulação no Brasil, Nestrovski, junto de Seligmann-Silva, inaugurou uma leitura psicanalítica sobre a narrativa dos Campos. O professor aproximou Wilkomirski de Primo Levi e Paul Celan, autores diferentes entre si, como veremos adiante, mas, para os propósitos de Nestrovski, eles podiam se encontrar por meio da referência à existência de uma narrativa singular sobre a precariedade da enunciação, cujo maior relevo estava em Wilkomirski.

Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva organizaram um ciclo de conferências, chamado *Catástrofe e representação*, em 1997. Em 1998, em coautoria, os dois publicaram um dossiê na *Pulsional Revista de Psicanálise*, na edição 116-117, pela editora Escuta, com o mesmo nome do evento. Não tivemos acesso a essa revista, mas encontramos os rastros dos textos reunidos naquela edição. A Editora Escuta republicou a revista em formato de livro, com o mesmo nome, em 2000. Este livro, mesmo sendo resultado de uma produção acadêmica, precisamente da relação entre história, filosofia, psicanálise e literatura, nos permite observar um corte na recepção testemunhal, passando da recepção literária nos jornais para os periódicos acadêmicos. Se os textos de Nestrovski e Seligmann nos jornais e revistas apontam para novos referenciais na crítica, a produção de *Catástrofe e representação* é o momento de amadurecimento dessas novas possibilidades recepcionais.

No livro, encontramos textos de especialistas em literatura, filosofia e psicanálise. Entre eles, autores americanos como Shoshana Felman, Cathy Caruth e Geoffrey Hartman; autores brasileiros como Seligmann, Maria Rita Kehl, Eliane Robert Moraes, Leda Tenório da Motta e Nestrovski, além da professora suíça e residente no Brasil, Jeanne-Marie Gagnebin.

Nesse trabalho desenvolvido entre 1997 e 2000, temos textos fundamentais para os estudos multidisciplinares a respeito não apenas dos campos de concentração, mas também das tragédias e genocídios, como o massacre armênio perpetrado pelo Estado turco e o genocídio de Ruanda. De outro lado, encontramos também teóricos reunindo áreas de conhecimento distintas para pensar uma ética profissional na escrita da história desses traumas. Nesse grupo, encontramos autores recorrendo à literatura de Primo Levi para entender esses eventos, como também para identificar em Levi os problemas da contemporaneidade, como a representação, a

comunicação e a realidade. Esse livro pode ser considerado o primeiro com o objetivo de pensar a literatura de testemunho, principalmente a figura de Levi e suas possibilidades de estudos.

Em um dos textos do livro, “Palavras para Hurbinek”, Gagnebin relata a experiência que teve em um colóquio ocorrido na Universidade de Sorbonne, em 1997, destacando os embates de intelectuais de várias partes do mundo sobre o indizível, a incomunicabilidade, a irrepresentatividade e o silêncio como matéria presente nos estudos da “literatura de testemunho”. Esses trabalhos partem de uma posição tanto estética quanto ética de uma maneira de transmitir e compartilhar experiências entre essa “literatura do passado” e os desafios que a contemporaneidade impõe. Interessante ressaltar que Gagnebin separa a literatura de testemunho, como espaço de produção escrita dos estudiosos a partir da “literatura dos Campos”, realizada por Levi, Antelme e outros.³⁴

A irrepresentatividade do horror nas obras dos campos é identificada pelos especialistas como uma dialética da falta e do excesso que se desdobra numa retórica do indizível. O silêncio é uma lei da literatura da *Shoah* – termo vigente no cenário francês -, nesse sentido, a ética permeia a discussão, pois Gagnebin destaca:

[...] só se pode, paradoxalmente, respeitar a memória dos mortos e a experiência-limite dos sobreviventes se se acolhe o silêncio e a interrogação que provocam: ou ainda, em termos emprestados da filosofia de Adorno, se se obedece ao interdito da reconciliação, mesmo estético-literária.³⁵

É nesse sentido que Gagnebin interpreta o episódio de Hurbinek de *A trégua*, editado e publicado no Brasil em 1997. O episódio lembrado acontece no início do livro, quando se relata que a libertação dos campos já havia ocorrido, mas os ex-prisioneiros dos campos estavam doentes e precisavam de tratamento. Levi e outros sobreviventes estavam alojados ainda nos Campos, tratados por enfermeiros soviéticos e médicos sobreviventes. No quarto de Levi, havia uma criança de cerca de 3 anos de idade, que nascera nos Campos. Ninguém sabia nada sobre

³⁴ GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Palavras para Hurbinek. In: NESTROVISK, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 106.

³⁵ GAGNEBIN, 2000, p. 108.

ela, o chamavam Hurbinek, pois associavam os sons que a criança fazia a seu nome. Hurbinek nasceu no campo da morte, seu corpo definhava e ele não sabia falar, apenas enunciava sons incompreensíveis em uma língua não falada - esses sussurros, Levi os chamou de “variações experimentais”. Através do conhecimento da vida e da morte nos Campos, o sobrevivente faz o leitor saber da existência de Hurbinek pelas suas palavras.

Para Gagnebin, o uso estético de Levi retratou performaticamente o esforço exigido dos estudiosos. O silêncio e a postura ética necessária para escrever “para Hurbinek”, os sobreviventes ou estudiosos no presente, respeitando as singularidades e as tragédias semelhantes desses sujeitos narram sobre o sofrimento além do imaginável. Como Gagnebin diz, essa tragédia é uma experiência, ainda assim, humana, um sublime de lama e cuspe, um sublime por baixo, ou citando Levi, uma violência que transforma o indivíduo em algo aquém do homem.

Outro texto que devemos destacar e que teve grande impacto na perspectiva dos críticos do dossiê *Catástrofe e Representação*, foi o trabalho desenvolvido por Shoshana Feldman, com o texto “Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino”. Esse texto foi publicado primeiramente em 1991 e depois reeditado para a edição publicada em conjunto com Dori Laub, *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History*, em 1992. Uma terceira edição foi lançada, dessa vez na obra organizada por Cathy Caruth, *Trauma. Explorations in Memory*, de 1995. Dori Laub e Shoshana Felman trabalharam no *Fortunoff Video Archive for Holocaust* com diversos testemunhos sobre o extermínio nazista. Foi nesse contexto que Laub cunhou a frase célebre, “acontecimento sem testemunha”. Em 1992, Felman, com uma análise aguda, escreveu sobre as possibilidades de interação entre literatura, poesia e testemunho. A pesquisadora recorreu a Kafka, Camus, Dostoiévski, Mallarmé e, por último, Paul Celan, para pensar sobre a possibilidade e a impossibilidade de um relato que tem no acontecimento catastrófico a própria possibilidade de se fazer arte e, por consequência, produzir história.³⁶

A impossibilidade da história, chamada assim por Felman, só pode ser confrontada pela arte, que assim, poderá satisfazer as necessidades de lidar com a dor, o sofrimento das vítimas

³⁶ FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In: NESTROVISK, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 13-53.

e com a paradoxal relação com história. Para ela, a história tem uma função clínica, não somente de lidar com o esquecimento do passado e ressaltar os nomes dos anônimos, mas de elaborar o trauma da angústia, do excesso das dores do passado. A ambivalência das situações históricas lembradas por meio dos eventos narrados tornaria o espaço da comunicação sobre esse passado dilacerado, rompido, acidentado, entretanto, mesmo assim, somente pela arte se encontraria a possibilidade da enunciação dessas dores. É na fragmentação, no rompimento, nos estilhaços que se encontra uma maneira adequada de expressão e comunicação.³⁷

O empreendimento analítico de Felman teve grande impacto na crítica, principalmente nos seus leitores. Arthur Nestrovick e Marcio Seligmann-Silva traduziram seu texto de 1991-92 para o dossiê “Catástrofe e representação”, publicado na *Revista Pulsional* em 1998/1999. Ainda em 1998, Seligmann organizou outro dossiê, com o nome “literatura de testemunho”, lançado desta vez em uma revista de público mais amplo, a *Revista Cult*, número 23.

A apresentação de Seligmann chamou a atenção de seus leitores para o tema da literatura, ressaltando as preocupações dos intelectuais e estudiosos:

Literatura de testemunho é um conceito que nos últimos anos tem feito com que muitos teóricos revejam a relação entre a literatura e a “realidade”. O conceito de testemunho desloca o “real” para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato.³⁸

O autor, ao conceitualizar o testemunho, criou uma síntese, sistematizando resumidamente um contexto muito objetivo; no lugar que os intelectuais ocupam diante da literatura, o desafio se apresenta ao relato que deslocou o “real”. Nas páginas seguintes, o especialista acrescenta:

[...] Ao pensar nessa literatura, redimensionamos a relação entre a linguagem e o real: não podemos mais aceitar o vale-tudo dito pós-moderno que acreditou ter

³⁷ FELMAN, 2000, p. 68.

³⁸ SELIGMAN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho. *Cult – Revista brasileira de literatura*. n.23, Ano III, 1998, p. 41.

resolvido essa complexa questão ao afirmar simplesmente que “tudo é literatura/ficção”. Ao pensarmos Auschwitz fica claro que mais do que nunca a questão não está na existência ou não da “realidade”, mas na nossa capacidade de percebê-lo e de simbolizá-la.³⁹

Recusando o testemunho como urdidura do enredo e se afastando de uma posição que mistura a “realidade” e a ficção, o crítico dialogou com uma noção de modernidade que entrou em choque com os absurdos dos genocídios, das bombas atômicas, do napalm no Vietnã, do genocídio cambojano, em Ruanda, na Armênia, na União Soviética com os Gulags e em tantos outros eventos. Atos imorais que permitiram fomentar os discursos corrosivos de negacionismos contra acontecimentos dessa magnitude. As imagens fraturadas de Seligmann-Silva nos lembram imediatamente do prefácio de Levi, em *Os afogados e os sobreviventes*:

Além disso, até o momento em que escrevo, e não obstante o horror de Hiroshima e Nagasaki, a vergonha dos Gulags, a inútil e sangrenta campanha do Vietnã, o autogenocídio cambojano, os desaparecidos na Argentina e as muitas guerras atroz e estúpidas às quais em seguida assistimos, o sistema concentracionário nazista permanece ainda um *unicum*, em termos quantitativos e qualitativos.⁴⁰

O contexto em que a realidade catastrófica se tornou objeto para historiadores, como Seligmann-Silva, a história recente se encontrava “ameaçada como um fato da linguagem”, essa literatura e as leituras dos intelectuais estabeleceram formas, mesmo que fragmentárias, de oposição ao rompimento total com o real.

Seligmann-Silva encontrou em Levi, mais precisamente em *Os afogados e os sobreviventes*, a particularidade da literatura de testemunho que a diferencia de outros documentos, incluindo os artísticos, especialmente o cinema e os documentários registrando os campos após a libertação:

³⁹ SELIGMANN-SILVA, 1998, p. 43.

⁴⁰ LEVI, 2016, p. 15.

[...] Auschwitz pode ser compreendido como uma das maiores tentativas de “memoricídio” da história. A história do Terceiro *Reich*, para Levi, pode ser “relida como a guerra contra a memória, falsificação da realidade, negação da realidade”. Os primeiros documentários no imediato pós-guerra, extremamente realistas, geravam esse efeito perverso: as imagens eram “reais demais” para serem verdadeiras, elas criavam a sensação de descrédito nos espectadores. A saída para esse problema foi a passagem para o estético: a busca da *voz* correta.⁴¹

A discussão guarda semelhanças com o texto de Gagnebin e, por intermédio dele, também com as discussões do colóquio na França, em 1997. A autora chegou a conclusões semelhantes: “Só queria ressaltar, nesse debate sobre as várias formas de testemunho, que a imediatez da imagem televisionada e fílmica se revela muito mais um engodo que um ganho positivo, se for aceita tal qual”.⁴² Nessa mesma revista, também encontramos um texto de Gagnebin, intitulado “A (im)possibilidade da poesia”, relacionando Adorno, Levi e Antelme, ela esclarece:

[...] a impossibilidade da poesia após Auschwitz e a retrabalha, reelabora-a, tentando pensar juntas as duas exigências paradoxais que se dirigem à arte de hoje: Lutar contra a repetição e pela lembrança, mas não transformar a lembrança do horror em mais um produto da cultura a ser consumida; evitar, portanto, que “o princípio de estilização artística” torne Auschwitz representável – isto é, com sentido, assimilável, digerível – enfim, que transforme Auschwitz em mercadoria que faz sucesso.⁴³

Segundo esses especialistas, a estetização dos quadros em movimento trouxera imagens angustiantemente excessivas, “um real” que por suas proporções e dimensões somente caberia na composição do “irreal” e do “fantasioso”. Por essas características “ficcionalis”, a palavra, a narração, o contar, os sons enunciados pela testemunha ultrapassavam a “imagem”. A

⁴¹ SELIGMANN-SILVA. 1998, p. 45.

⁴² GAGNEBIN, 2000, p. 105.

⁴³ GAGNEBIN, Jeanne-Marie. A (im)possibilidade da poesia. *Cult – Revista brasileira de literatura*. Ano III, n.23, 1998, p.51.

transmissão pela voz ou pela escrita dos sobreviventes permitiria um alcance artístico, estético e ético sobre o passado vivido e traumático.⁴⁴

Seligmann-Silva, na *Cult*, embora recusasse o “tudo é literatura/ficção”, defende um espaço para um gênero literário, uma literatura que envolva o problema do “real” e incorpore componentes da ficção:

A memória da Shoah – e a literatura de testemunho de um modo geral – desconstrói a Historiografia tradicional (e também os tradicionais gêneros literários) ao incorporar elementos antes reservados à “ficção”. A leitura estética do passado é necessária, pois essa leitura se opõe à “musealização” do ocorrido: ela está vinculada a uma modalidade da memória que quer manter o passado ativo no *presente*.⁴⁵

Para o pesquisador, Levi, Antelme, Semprun e outros são representantes da memória da Shoah. Aqui, esse termo é empregado com um valor ético, uma narração que embora seja compartilhável, impõe ao ouvinte uma postura de reconhecimento dos choques do “real”, da “ficção” e do absurdo do extermínio judeu. Essa desconstrução da história não apenas problematizou o esquecimento das experiências dos milhares de sobreviventes, mas também dos anônimos e da ameaça de que o futuro possa imprevisivelmente planejar novas formas de opressão. A singularidade do evento do extermínio não impõe uma unicidade irrepitível, diferenciando-se dos debates propostos pelas leituras “à la Saul Friedlander” “do *unicum* dos campos, como evento irrepitível”. A literatura coloca-se como alerta para a possibilidade da repetição da tragédia.

A especialista em literatura italiana, Andrea Lombardi publicou sobre Levi, refletiu sobre a ética, a memória e a literatura de testemunho. Lombardi apresentou uma amálgama de expressões e conceitos que podemos ver nos textos de Gagnebin e Seligmann-Silva, ao se apoiar na literatura de Levi. Lombardi não se interessa diretamente pelos problemas do enquadramento

⁴⁴ Interessante apontar que, a princípio, os testemunhos de sobreviventes e os documentários do pós-guerra tiveram reações semelhantes de descrédito, um problema nos suscita uma pesquisa futura, que não será desdobrado neste artigo.

⁴⁵ SELIGMANN-SILVA, 1998, p. 47.

de gênero autobiográfico; a concepção de literatura de testemunho sustenta as bases de seu texto para se direcionar a um novo problema, não mais ficcional, mas ético.

A partir da leitura de *É isto um homem?* e de suas referências literárias, a *Divina Comédia*, a Bíblia, e até de símbolos judaicos, fosse à figura dos campos fosse pelo poema *Shemá*. O título do poema remete ao hebraico “ouça Israel” ou *Shemá Israel*, professando as bases da fé judaica, registradas como às duas primeiras palavras da Torá. Lombardi leu em Levi a exploração da figura de Deus numa escrita que inspirou o comportamento de seus leitores, denominando essa escrita de “ética pragmática”. Lombardi não apenas meditou sobre esses fatores em Levi, mas sua hipótese se estendeu a toda uma literatura: “A literatura de testemunho – não unicamente os textos de Levi – se caracteriza pela presença constante do tema da ética [...]”.⁴⁶ Ao final de seu artigo, ela apresenta uma síntese de suas análises:

1-A literatura de testemunho apresenta em forma literária o momento de elaboração do *trauma* dos sobreviventes do genocídio e terá como modelo o trabalho propriamente psicanalítico. Estando repletos de referências à Bíblia, sejam elas religiosas, históricas, culturais e hermenêuticas, os textos que a compõem remetem necessariamente à problemática do *judaísmo* como conceito surgido no século XX a partir da oposição ao anti-semitismo, com as implicações já vistas, o que remete a uma “auto-análise” da tradição cultural e à relação entre tradição judaica e tradição greco-cristã.

2-De um ponto de vista especificamente hermenêutico, a literatura de testemunho pode ser vista como designação daqueles textos que têm como referência, de forma direta ou indireta, o Deus do texto proclamado peremptoriamente em *Shemá* e no Êxodo 3, 14. Consequentemente, irá se originar uma indagação sobre a ética do livre-arbítrio, fundamentada na interpretação do texto do Velho Testamento citado.

O primeiro ponto de vista torna-se, assim, o ponto de partida de uma *ética pragmática* ou do *comportamento*, pois sua referência é um Deus da justiça. O segundo ponto de vista poderia constituir-se num primeiro passo para definir uma

⁴⁶ LOMBARDI, Andrea. A ética da memória. *Cult – Revista brasileira de literatura*. Ano III, n.23. 1998, p. 57.

ética da leitura ou da literatura como ética da memória, que evoca a *cena primária* da escrita.⁴⁷

Podemos separar em três pontos a síntese da autora: 1) a literatura de testemunho como elaboração traumática; 2) a relação de análises simbólicas do judaísmo; 3) um lembrar pela escrita, contudo, uma releitura do passado pelo presente, uma performática realização de rememoração ética. Construída pelas bases de um trabalho freudiano, se encontra uma reflexão de psicanálise, arte e história, assim como observamos em Seligmann-Silva.

No ano anterior, ainda com a publicação da revista *Pulsional*, em *A história como trauma*, o foco de Seligmann-Silva era exatamente delimitar a história de uma literatura traumática. Ao referir-se ao Levi de *É isto um homem?*, ele lembra do episódio dos dias de trabalho nos Campos, do capítulo “No Fundo”, no qual Levi delineou a perda de orientação temporal dos indivíduos ao não lembrarem mais do passado e não terem expectativa de um futuro,

Devido ao excesso de realidade ocorre um distúrbio na dialética entre o princípio de realidade e o de prazer. A vivência no campo de concentração assume um espaço e um peso de uma dimensão tal que tendencialmente apaga tudo o que ocorreu antes e, retrospectivamente, tudo o que veio a ocorrer depois. Dá-se uma cisão do Eu. Essa realidade em excesso implica um “perfuramento” do próprio campo (geográfico, simbólico e semântico) da morte: esta, devido à sua onipresença, deixa de ocupar o seu papel fundamental na organização simbólica; ela não orienta mais a distinção entre o aqui e o além.⁴⁸

A morte perpassava todo ambiente e, por isso mesmo, se tornava banal. A experiência concentracionária romperia com o princípio da realidade e a pulsão de morte transbordaria a experiência do sobrevivente, que vê nos corpos mortos e na ideia de morrer a eventualidade cotidiana.⁴⁹ Seligmann-Silva adotou uma perspectiva psicanalítica, referenciada nos estudos

⁴⁷ LOMBARDI, 1998, p. 59.

⁴⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: _____; NESTROVISK, Arthur (Org). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 93.

⁴⁹ SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 94-95.

traumáticos estadunidenses e em uma forte relação com seus trabalhos sobre a filosofia benjaminiana. Percebendo, assim, a figura de Levi como aquele que escreveu sobre uma excessividade perturbadora do indizível, do incompreensível e, mesmo assim, se sentia obrigada a escrever para se lembrar daqueles que não conseguiram sobreviver e para se esquecer daquilo que viveu. A operação da cura pelo testemunho é uma operação da escrita da testemunha que compulsivamente reflete os estilhaços de memórias, silêncios, mutismos e dor.⁵⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A HISTÓRIA PODE REMONTAR OS FRAGMENTOS DOS CAMPOS?

Pensando o processo dos estudos da psicanálise como chave analítica da literatura de testemunho podemos consultar Sigmund Freud. A partir do exemplo do *The monument*, de Londres, inaugurado em 1671, que tem o fim de lembrar o grande incêndio que aconteceu na cidade em 1666, Freud comparou aquele que observa e rememora a tragédia, com uma reminiscência que persiste não apenas no recordar, mas no comportamento de se prender emocionalmente àquele evento. Do mesmo modo, essa reminiscência pode ser esquecida, reprimida no inconsciente, se opondo a trazê-la à consciência, o que significa que esse fragmento não é necessariamente apagado.⁵¹

Entretanto, com esses estudos, não podemos tampouco assumir que nada seja esquecido. Podemos considerar que tudo, por meio de uma repressão, é passível de submergir na consciência, existindo lapsos, existindo vazios antes ocupados na vida psíquica. Discordando de certas opiniões, que argumentavam que aquilo que se formou na vida psíquica não poderia se acabar, Freud utilizou como exemplo a “A Cidade Eterna”, isto é, Roma. Em uma digressão, o psicanalista tomou nota das construções, das demolições, das destruições, dos incêndios, das reconstruções e restaurações que ocorreram em Roma. Muita coisa que não existia mais, por vezes podia oferecer vestígios dispersos por toda uma região marcada por séculos de mudanças.

⁵⁰ SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 97.

⁵¹ FREUD, Sigmund. Primeira Lição. In: *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1910[1909]. (impressão 1996). *passim*.

Mas Freud salientou que interferências destruidoras não faltam.⁵² Concluindo após longas digressões diferentes, Freud defendeu a possibilidade de que elementos fossem apagados ou consumidos, não podendo mais ser reanimados e restabelecidos.⁵³ A literatura de testemunho seria uma rememoração em intermédio entre um passado em ruínas cinzentas e um presente imediato da escrita.

No seu trabalho desenvolvendo os estudos sobre a psiquê, Freud recorreu ao conceito de trauma que remetia epistemologicamente ao trauma físico, aos acidentes e às violências com ferimentos na pele, músculos e fraturas ósseas; ou dos terremotos, com a ruptura tectônica terrestre e os abalos sísmicos, Freud descreveu a calamidade do grande incêndio em Londres. As noções de fratura, fragmentação, fissura são essenciais para a investigação da psiquê humana. É considerando esse terreno de cisões, rupturas e ruínas do estudo da psiquê, que Seligmann-Silva pensa uma materialidade catastrófica que colocou em questionamento a ciência, o progresso, a razão, o modelo de verdade empírica e dedutível. Ele retoma a imagem simbólica do terremoto em Lisboa, de 1755, que destruiu quase toda a cidade, para historicizar a catástrofe que demarcou desde a filosofia (Voltaire), a literatura (Baudelaire) até a tragédia dos campos de extermínio do século XX (a literatura de testemunho). O analista encontrou no enigma do não lembrado, do esquecido, do reprimido, os lapsos da recordação, da resistência e da angústia, os sintomas de uma narração fragmentada, o que denominou de literatura de testemunho.⁵⁴ É o trabalho de psico-análise da literatura que produz elucubrações que atravessam o passado no presente e estabelecem fronteiras com o (im)possível e com o (i)limitado espaço geográfico de projeção do futuro. A literatura de testemunho e a imaginação permitem desviar dos caminhos de perigo e das raízes corruptas do passado catastrófico. É no trabalho de transferência, não entre o paciente e o psicanalista, mas entre o historiador, ou o estudioso da literatura de testemunho com o testemunho que se reelabora o passado traumático em uma terapia da escrita do trauma da história dos Campos.

A literatura testemunhal foi interpretada, nesse momento, segundo a compreensão da sua escrita, como vestígio de ruínas que desdobram o trauma patogênico. Essa ética-estética ou

⁵² FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: *Obras completas volume 18, O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 14-16.

⁵³ FREUD, 2010, p. 17.

⁵⁴ SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 73-75, 100.

memória estética seria a realização do movimento que decorre da recordação na vida psíquica que, se descolando do sujeito, acaba repetindo o evento traumático na escrita e avançando na construção da imagem narrativa, elaborada em testemunho. As reminiscências revividas pelo contar ou narrar podem apresentar sintomas não apenas da personagem de uma literatura e do sujeito exterior ao texto, mas de uma época, de uma historicidade. Os estilhaços grafados pela tinta no papel até os livros de Levi, ou de outras testemunhas, revelam repetições reprimidas, ficções, sonhos sombrios que perturbam o sobrevivente, mas pela refração da figuração do autor-narrador-personagem surge um passado impossível, porém repetível, constituindo uma ameaça perene.

Ao nos confrontarmos com os últimos trabalhos do final da década de 1990 pudemos constatar como a literatura de testemunho foi se constituindo como um campo de estudo para os historiadores. Como Cytrynowicz, um pesquisador que escreveu sobre o antissemitismo, sobre os campos de concentração e o negacionismo, no final dos anos 1980. No final da década de 1990, junto de Seligmann, escreveu sobre a posição ética do historiador em expurgar o trauma e cobrir os vazios narrativos dos lapsos da memória das testemunhas.

Ainda na revista *Cult*, número 23, encontramos um texto de Roney Cytronowicz, sobre Elie Wiesel. Nesse texto, Cytronowicz se aproximou de Seligmann-Silva e Lombardi, sendo, porém, mais agressivo ao discutir o narrar e o contar diante da impossibilidade do compartilhamento da experiência, de Wiesel e Levi ao leitor. Entretanto, ele considerou que o historiador tem não apenas a função ética de refletir sobre esse passado e aproximá-lo do presente, como também de superar a condição intangível desse testemunho e reelaborar de maneira compreensível os fragmentos testemunhais.⁵⁵

Outro texto que compõe o dossiê da revista *Cult* e que não deve ser esquecido é uma crítica, de Seligmann, à obra *Fragmentos*, de Benjamin Wilkomirski.⁵⁶ O crítico faz uma retratação, reconsiderando seu argumento de antes, segundo o qual Wilkomirski era o maior exemplo de potência narrativa da literatura de testemunho. Os novos fatos, no ano de 1998, trouxeram descobertas sobre a verdadeira identidade de Wilkomirski, que revelaram não ser

⁵⁵ CYTRYNOWICZ, Roney. Memória e História do Holocausto. *Cult* – Revista brasileira de literatura. Ano III, n.23. 1998. p. 53-55.

⁵⁶ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Os fragmentos de uma farsa. *Cult* – Revista brasileira de literatura. Ano III, n.23. 1998, p. 60.

um sobrevivente dos campos de concentração. O autor de *Fragmentos* havia roubado o nome e criado a história de um sobrevivente a partir de seu interesse obsessivo pela *Shoah*. Seu nome verdadeiro era Bruno Doessekker, ele não era judeu, nasceu em 1941 e era filho ilegítimo de Yvonne Grosjean. Ele acabou em um orfanato em Adelboden, na Suíça, tendo sido depois adotado pela família de médicos bem-sucedidos Dossekker, em 1945.

Ao tomar conhecimento desses fatos, Seligmann-Silva mudou seu posicionamento sobre o livro *Fragmentos*: antes considerado um testemunho, agora ele se revela ser uma ficção. Mesmo reconhecendo que o gênero biográfico é conflituoso, permeado de desvios gerados pela escrita, não se pode negar que *Fragmentos* rompeu o pacto autobiográfico estabelecido com seu leitor.⁵⁷ O livro de Doessekker é uma fraude, má ficção, que procurou mimetizar a estética de livros como de Primo Levi, Robert Antelme, Elie Wiesel.

O caso Wilkomirski /Doessekker surge na recepção acadêmica exigindo novas posturas dos estudiosos. Não bastava apenas refletir sobre o irreal/real a partir de uma postura lacaniana, que encontra o real como fragmento, ou como na experiência estética do sublime inatingível, a obra de Doessekker apresentou desafios para a história, diferenciando-se daqueles que poderiam ser colocados para a psicanálise. É na recepção acadêmica que se desdobra a atenção dos historiadores para o problema da ficção na literatura de testemunho. Em 2006, Gagnebin ao se concentrar na fraude de Doessekker, ela chamou a atenção dos historiadores para os problemas e perigos dos abusos da memória, procurando meios para simbolizar uma história daquele que ouve a testemunha.⁵⁸ Em 2010, Seligmann a partir dos novos estudos submeterá os discursos das testemunhas a partir de preocupações metodológicas, abordando o tema dos “limites entre a construção e a ficção” na literatura testemunhal.⁵⁹ Esse movimento indica uma modulação na recepção das obras dos sobreviventes dos Campos, uma nova preocupação científica que se relaciona com o próprio fazer historiográfico. Embora a questão tenha sido identificada a partir de uma falsificação, as obras testemunhais apresentaram questões que poderiam confundir a verdade, o fato, a memória, a ciência, elementos que Hartog apresentou

⁵⁷ SELIGMANN-SILVA, 1998, p. 61.

⁵⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 49-58.

⁵⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3 – 20, jan. / jun. 2010, p. 3-20.

ao descrever o receio dos historiadores diante das obras de memória.⁶⁰ A reação dos historiadores ao defender o empreendimento científico perante a questão da ficção é um desafio futuro que este artigo somente procurou sublinhá-lo.

Este artigo se ocupou em traçar o itinerário dos historiadores optaram por uma nova via da análise, que somente surgiu tardiamente no final da década de 90, transformando a memória dos Campos de Concentração em objeto da história. Nesse sentido, apontamos como os historiadores nesses primeiros textos definiram maneiras de distinguir a literatura de testemunho da ficção, concomitantemente essas distinções tocavam diretamente na maneira que os historiadores representavam o passado catastrófico. Em defesa da potência narrativa, eles estabeleceram a distinção e a especificidade deste objeto diante de novos critérios estéticos (escrita traumática) e formais (o testemunho).

Através dessa complexidade que se constrói a figuração da testemunha, com seus relatos, escrevendo e incessantemente repetindo um evento que nunca terminou completamente e sendo revivido por meio de fragmentos. Esse cenário de um campo de concentração específico, não aquele de Levi, Auschwitz III, Buna-Monowitz, mais precisamente o campo de Birkenau, Auschwitz II, aquele do campo de extermínio das câmaras de gás, dos afogados que não sobreviveram, que aparentemente se tornou o centro do imaginário sobre as narrativas dos campos de concentração. E por consequência da literatura de Levi, de Antelme e outros.

As obras dos sobreviventes não são ficções, ou melhor, sendo uma construção mediada por um certo grupo recepcional deixam de ser pensadas como ficções ou simples memória. É nesse sentido que desenvolvendo o campo da literatura de testemunho diante da literatura, da psicanálise e da história, que as questões da fraude, da falsificação, da confusão entre história e memória se tornarão centrais no início do século XXI.

⁶⁰ HARTOG, 2013, p. 226.-227.

REFERÊNCIAS

Obras Gerais

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *O anjo da história*. Trad. De João Barrento – 2. Ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2016.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Obras escolhidas I*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CYTRYNOWICZ, Roney. Memória e História do Holocausto. *Cult – Revista brasileira de literatura*. Ano III, n.23. 1998.

FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In: NESTROVISK, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, jan/jun, 2012.

FREUD, Sigmund. Primeira Lição. In: *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1910[1909]. (impressão 1996). *passim*.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: *Obras completas volume 18, O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. A (im)possibilidade da poesia. *Cult – Revista brasileira de literatura*. Ano III, n.23, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Palavras para Hurbinek. In: NESTROVISK, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p.106.

HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. -1. ed., 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LACAPRA, Dominick. *Historia y memoria despues de Auschwitz*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

LANZMANN, Claude. Une représentation impossible?. *Le monde*. Entrevistador: Aurélie Ledoux. Mar. 03. 1993. Disponível em: <https://www.univ-conventionnelle.com/Une-representation-impossible_a213.html>. Acesso em: 18 set. 2019.

LOMBARDI, Andrea. A ética da memória. *Cult – Revista brasileira de literatura*. Ano III, n.23. 1998, p.57.

NESTROVISK, Arthur. Memórias do Horror. *Folha de São Paulo*. Mar. 22 de 1998. p. 11.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas/São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFGM, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: ____; NESTROVISK, Arthur (Org). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. *Letras – Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS)*. Jan/Jun. 1998, p. 19. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11482>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Revista Tempo e Argumento*, vol. 2, núm. 1, jan/jun, Universidade do Estado de Santa Catarina Florianópolis, Brasil, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Os fragmentos de uma farsa. *Cult – Revista brasileira de literatura*. Ano III, n.23. 1998.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Sobre a beleza do feio e a sublimidade do mal. *Revista eletrônica de jornalismo científico*. Jul. 2006. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=15&id=136>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho. *Cult – Revista brasileira de literatura*. n.23, Ano III, 1998.

SILVA, Fabiola Alves. *Revista Cult – Leituras Do Presente (1997 -2002)*. Dissertação de Mestrado em Literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006.

WAJCMAN, Gérard. *Le Monde, 3 décembre 1998, par Gérard Wajcman*. Le monde. Disponível em: <<https://editions-verdier.fr/2014/03/06/le-monde-jeudi-3-decembre-1998-par-gerard-wajcman/>>. Acesso em: 18 set. 2019.

WIEVIORKA, Annette. *Era of the Testimony*. Tradução Jared Star. Ithaca/NY: Cornell University Press. 2006.

Recebido em: 01/10/2021 – Aprovado em: 17/11/2021